

## José Leon Crochík Desvela: sofrimento é objetividade que recai sobre o indivíduo

*José Leon Crochík unveils:  
suffering is objectivity that lies with the individual*

---

Dulce Regina dos Santos Pedrossian

**A** obra **Teoria crítica da sociedade e psicologia: alguns ensaios**, de autoria do Prof. Dr. José Leon Crochík (Araraquara, São Paulo: Junqueira & Marin Editores; Brasília, DF: CNPq, 2011, 286 páginas), constitui-se de nove ensaios referendados pela teoria crítica da sociedade de Theodor W. Adorno, Max Horkheimer, Herbert Marcuse e Walter Benjamin, publicados desde 1988 em revistas científicas direcionadas às Ciências Humanas.

O autor, José Leon Crochík, possui graduação em Psicologia pela Universidade de São Paulo (1979), mestrado em Psicologia Social (1985), doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento (1990) e livre-docência em Psicologia pela mesma Universidade. Atualmente, é Professor Titular do Instituto de Psicologia da USP, bolsista de produtividade em pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

Na análise cuidadosa dos ensaios **“A forma sem conteúdo e o sujeito sem subjetividade”** (2010) e a **“Resistência e o conformismo da mônada psicológica”** (2001), Crochík mantém entre ambos um mesmo fio condutor que é o do processo de formação do indivíduo. Ressalta, no ensaio de 2010, que o fenômeno social da perseguição das minorias é subjacente à relação sujeito-objeto representando um dentre outros tipos de barbárie cultivados e exercidos pela sociedade. Assim, para o autor, a educação e o esclarecimento são mais difíceis para aqueles que planejam o assassinato, a exemplo do ocorrido em Auschwitz, do que para aqueles que sujam as mãos e, sem dúvida, o tipo manipulador, nos termos de Adorno et al (1950), e o tipo oportunista,

aproximam-se do primeiro. Destaca, também, que o tipo manipulador não está isento de sofrimento, pois, além de ser regredido psicologicamente, encontra-se adaptado à sociedade.

Nos termos do autor, na medida em que a razão instrumental e/ou a formalização da razão – que enfatiza o pensamento reduzido a estereótipo, a fórmulas e à matemática –, passa a sobressair, a consciência prescinde da distância ao que deveria ser criticado, bem como a profundidade do indivíduo – que é a diferença – fica postergada. Se os indivíduos sem forma amoldam-se às formas exteriores, no caso do ingênuo e do oportunista, estes se calcam na adaptação ao existente. O Positivismo é outra maneira de se pensar o sujeito sem subjetividade e a forma sem conteúdo; no entanto, para o autor, conteúdo e forma devem estar relacionados e confrontados, e não dissociados, caso contrário, passa a insurgir o falso sujeito, que, como simples forma, nega o verdadeiro. Não é por acaso que, na contemporaneidade, os indivíduos são pseudoformados e, com o intuito de reproduzir a sociedade que não beneficia todos os indivíduos, a realidade estabelecida promove tipos de configurações psíquicas para a reprodução do establishment.

Ao se revisitar o segundo ensaio – **“Resistência e o conformismo da mônada psicológica”** (2001) –, depreende-se que Crochik chamava a atenção para o fato de Horkheimer e Adorno atribuírem a Freud a análise da mônada psicológica. Na construção do texto em foco, o autor deixa claro que subjetividade, como objetividade humana, necessita, para se constituir, desde a época de Odisseus, personagem de Homero, em terreno interno para que o indivíduo possa se proteger das ameaças existentes. E essa subjetividade é condição para o desenvolvimento da astúcia para enfrentar a dominação, e os segredos das táticas e das estratégias para confrontar-se com os perigos não podem ser revelados. Não somente a natureza humana constitui-se como segunda natureza, como essa não se liberta da repetição percebida na natureza da qual tenta se diferenciar. Daí o conflito entre dominação e resistência à dominação que marca o indivíduo desde os primórdios. Como o indivíduo, nos termos do autor, somente pode se diferenciar pela introjeção da cultura – que se caracteriza por tendências regressivas e emancipatórias –, ele somente se desenvolve mediado por essa contradição. E como a lógica do indivíduo não é a mesma da totalidade social, mas é mediada por ela, analisando o indivíduo pode-se encontrar as marcas da sociedade. Assim, o autor evidencia a importância da psicologia no sentido de

denunciar as condições contrárias à existência do seu objeto e, assim, o estudo da mônada é indispensável como crítica à ideologia, no sentido de negação determinada e da possibilidade de que os indivíduos se desenvolvam para além das necessidades de autoconservação. Isso implica a consciência da mediação social como algo necessário para romper o caráter de mônada e/ou extrassocial do indivíduo e, assim, os conhecimentos da psicologia e da sociologia devem ser confrontados entre si. Na realidade, o autor quer salientar que a psicologia, como forma de esclarecimento e de resistência, deveria mostrar as condições que levam o indivíduo a regredir, bem como entender as configurações sociais que o conduzem à adesão imediata à ideologia e, por conseguinte, a falta de consciência de seu aprisionamento. Trata-se de proceder crítica à pseudoformação e à coisificação humana como possibilidade, também, de resistência. Os indivíduos aderem aos bens impostos pela indústria cultural quando algo lhes mobiliza, e os desejos e os interesses individuais não estão completamente apropriados pela dominação social. O autor reflete acerca da formação voltada para o mercado de trabalho e para a indiferenciação, pontuando que, na medida em que os indivíduos não se diferenciam, a vida perde o sentido.

Aqui, cabe direcionar o foco para os ensaios **“T. W. Adorno e a Psicologia Social”** (2008), **“Notas sobre a formação ética e política do psicólogo”** (1999) e **“Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia”** (1998), que têm em comum o fato de tratar tanto da formação do psicólogo quanto do estudo de seu objeto – o indivíduo.

No ensaio de 2008, Crochík enfatiza o fato de Adorno – com consistente formação em sociologia, estética e filosofia – ter demonstrado interesse pela psicologia social, defendendo-a como uma disciplina sociológica. Nos termos de Crochík, a psicologia social implica a relação entre a sociedade e o indivíduo. Ao mesmo tempo em que Adorno critica a psicologia direcionada unicamente ao seu objeto, por desconhecer que esse se desenvolve socialmente e que é a cultura e a sociedade que lhe possibilitam se constituir como indivíduo, critica a sociologia concebida sem indivíduos. Crochík acresce que, grande maioria dos estudos empíricos de Adorno direcionou-se à análise de estímulos, a exemplo da **A Personalidade autoritária**, de 1950, considerado um estudo clássico para a Psicologia Social. A delimitação do objeto deve definir a escolha do método e não o contrário, pois, no momento em que o objeto é ajustado ao método, o destaque incide nas categorias formuladas pelo indivíduo (representado pelo

método) e não no próprio objeto. Assim, a ciência, para Adorno, tem finalidade política e o conhecimento necessita de método, adequado ao objeto, mas produzido pelo indivíduo em condições históricas determinadas. Tendo em vista a dificuldade de alterar as condições sociais no momento em que viveu, Crochík enfatiza que Adorno defendeu o fortalecimento do indivíduo para resistir à violência apontada contra ele ou nele provocada. E não é casual que evidencie em seus escritos a importância da formação do indivíduo, sinalizando elementos da teoria da pseudoformação, a exemplo da mentalidade do ticket e do fato de os indivíduos serem formados para o ajustamento social. A psicologia social, decerto, de base analítica, que não tem o mesmo significado da psicanálise, precisa estar associada a uma teoria da sociedade, para que, por intermédio de seu objeto, analise os sentimentos, os comportamentos e os pensamentos limitados e contraditórios que expressam um ego frágil.

No ensaio **“Notas sobre a formação ética e política do psicólogo”**, Crochík (1999) evidencia que não se pode pensar a ética sem a alusão aos conflitos sociais; a política coligada à cidadania sem se pensar na sua base – o indivíduo; e, também, não cabe pensar o indivíduo, objeto por excelência da Psicologia, sem a mediação social que o estabelece. O fato de o sacrifício irracional ser compreendido como inevitável é algo que se deve atribuir à ideologia que cultiva o mal menor. O autor destaca que, na atualidade, a ideologia relativista ou tecnológica ou pós-moderna consiste em direcionar o pensamento à sua utilidade imediata, isto é, ao julgamento dos meios, pois os fins já foram estabelecidos de antemão. A objetividade do indivíduo, decerto, deveria ser sua subjetividade, desde que essa seja desenvolvida pela identificação com a cultura que aspire à liberdade que transcenda a autoconservação. No entanto, com a globalização da economia atual, aquilo que é produzido é orientado pelos interesses do capital, e quando a racionalização dos processos de produção – o terreno do trabalho – dissemina-se para outros terrenos do dia a dia, o terreno público invade o terreno privado. E, nos termos do autor, não se pretende afirmar que o campo psicológico não tenha uma verdade diferenciada do campo social, mas que mesmo essa verdade deve ser remetida ao que o todo social demanda do indivíduo para seu ajustamento, isto é, a família, a escola e os meios de comunicação de massa exigem que o indivíduo se ajuste às demandas da produção e do consumo. Para Crochík, por certo, a psicologia necessita de outras ciências parcelares para iluminar seu objeto de estudo – o indivíduo. Se

os psicólogos puderem perceber que, nos dias de hoje, os comportamentos dos indivíduos guardam maior correspondência com a determinação social do que com os aspectos psíquicos, auxiliariam a não fazer da psicologia parte da ideologia moderna. Nesse sentido, para o autor, a relação entre ética, política e formação do psicólogo deve transitar pela crítica da recíproca negação que há entre elas ao se suporem autônomas; porém, ao mesmo tempo, não se deve cair na ilusão de se pensar que elas se relacionam de modo intrinsecamente afirmativo, o que favoreceria o mascaramento da fragmentação existente.

Quanto ao ensaio **“Os desafios atuais do estudo da subjetividade na psicologia”**, Crochík (1998) destaca que os desafios provêm das dificuldades de o indivíduo poder se constituir na contemporaneidade e da carência, na formação do psicólogo, de subsídios sobre seu objeto de estudo, os quais devem ser fornecidos pela sociologia, pela filosofia, pela literatura e por outras formas de arte. Sem a arte, que purifica o espírito, não é possível atingir aquilo que deveria ser purificado. Do mesmo modo, a filosofia é basilar para se entender a subjetividade, mesmo porque essa é uma categoria filosófica. Para o autor, a subjetividade define-se por um espaço interno que se contrapõe ao espaço externo, porém que somente pode emergir deste. A referida subjetividade desenvolve-se pela interiorização da cultura que possibilita exprimir os anseios individuais e criticar a própria cultura que favoreceu sua formação. É necessária a presença da negação do ajustamento, que permite a percepção de que a cultura poderia ser distinta do que é; esta percepção constitui-se como negação determinada, isto é, como crítica à ideologia que atua no sentido de conservar a realidade existente. O autor acrescenta que a psicologia somente não é ideológica quando questiona pelas condições de existência de seu objeto, quando é crítica de si própria e, com isso, em vez de auxiliar a fortalecer a aparência do que não existe, em nome de seu objeto, direciona-se à compreensão do que gera esta aparência. Assim, os desafios atuais para o estudo da subjetividade encontram-se tanto na própria constituição da realidade contemporânea quanto na formação do psicólogo que, determinada pela primeira, não lhe possibilita direcionar-se para a relação entre a aparência e a essência, apresentando, no seu lugar, a aparência como essência.

Diante disso, percebe-se a importância de desmascarar ideologias haja vista sua relação com as necessidades psíquicas. E não é fortuito que a atenção se volta para os ensaios **“O desencanto sedutor: a ideologia da racionalida-**

**de tecnológica”** (2003) e para a **“Razão, consciência e ideologia: algumas notas”** (2007).

Quanto ao ensaio de 2003, Crochík evidencia que, mesmo para aqueles indivíduos que se encontram em uma condição material razoavelmente segura, a questão do desamparo é real. E as quimeras que tentam negar esse desamparo são providas, na contemporaneidade, pela ideologia da racionalidade tecnológica – que se refere ao mundo desencantado e/ou administrado, analisado por Horkheimer e Adorno, e à sociedade industrial e/ou capitalista examinada por Marcuse. Pelo fato de a ideologia da racionalidade tecnológica ter perdido a possibilidade de pensar além do existente, limita-se à reprodução da realidade estabelecida, disseminada também pelos meios de comunicação de massa. Como essa ideologia substitui, nos termos do autor, a realização de valores humanos, permitidos pela negação determinada das condições dadas, pelo ajustamento eficiente à sociedade existente, a consciência social limita-se à consciência individual, e todos os recursos para a autoconservação são justificados, fortalecendo-se, desse modo, a frieza, o cinismo e a crueldade. Não por acaso, o sadismo, o masoquismo e a competição são condizentes a uma sociedade marcada pela hierarquia que substitui os indivíduos de acordo com suas necessidades. Ocorre que, com a criação de uma consciência expropriada de si mesma e/ou dominação da consciência, o indivíduo não percebe a miséria material e a miséria psíquica, que não é determinada unicamente psiquicamente. Nos termos do autor, como é da conservação do capital que se trata, os indivíduos continuam apartados da vida, e a ideologia tenta cultivar a esperança de que os indivíduos ainda são necessários para a produção. Mais do que criticar o conteúdo da ideologia, dever-se-ia, para o autor, compreender o que conduz os indivíduos a aceder a algo irracional e falso. A falsidade resulta do fato de a ideologia fixar-se ao existente, dificultando a possibilidade de se pensar a modificação social necessária para uma sociedade justa. A tecnologia, que deveria libertar, aprisiona, e o indivíduo curva-se ao que é contrário aos seus interesses racionais.

No que se refere ao ensaio **“Razão, consciência e ideologia: algumas notas”**, para Crochík, a razão, o entendimento seriam um instrumento necessário à autoconservação humana, todavia, não deixa de ser resultado da abstração das relações entre os indivíduos em uma sociedade de trocas mercantis, isto é, a base da constituição dos indivíduos racionais é a troca. O equivalente da

lógica formal entremostra o equivalente do capital, que possibilita que todas as mercadorias apreçoem seu valor. Se a consciência do indivíduo se enfraquece, torna-se presa fácil da ideologia, na medida em que esta dá forma de o indivíduo pensar o objeto antes de ocorrer à experiência. Para Crochik, nos dias atuais, não há uma única forma de a ideologia se exprimir. Se a ideologia liberal, própria do capitalismo concorrencial, é verdadeira por tentar pensar para além do existente e por seu conteúdo, é falsa justamente pela negação do que impossibilita sua realização. Ainda que essa ideologia acarrete alguma racionalidade do conteúdo expresso, a inversão entre o real e a consciência acontece por reflexão insuficiente. Por sua vez, a ideologia da racionalidade tecnológica, por ser demonstração do exagero da razão instrumental, ou seja, como forma impossibilita a consciência, eterniza a irracionalidade social e individual, do mesmo modo que a ideologia atual – fascista –, ao perder sua racionalidade, se constitui de mentiras manifestas. O narcisismo implica renúncia à consciência e é base psíquica de expressão tanto da mentira manifesta quanto da racionalidade tecnológica. Se a primeira suscita o cinismo, a segunda provoca o encantamento do desencantamento. Como enfatiza o autor, se a vida orientada à sobrevivência já poderia ser sobrepujada, mas não o é, as ideologias atuais alimentam o ajustamento à sociedade estabelecida, dificultando as possibilidades da consciência das contradições que levariam os indivíduos a lutar pela sua superação. Ainda que exista um vestígio dessa consciência que ainda escapa, a ameaça ao eu é tão intensa que ela permanece submersa em sombras.

É importante mencionar que o ensaio **“Apontamentos sobre o narcisismo da perspectiva da teoria crítica da sociedade”** (2006) demonstra que o narcisismo é promovido em uma cultura que ameaça permanentemente a autoconservação. Contrapondo-se ao seu caráter que beira à psicose, esse fenômeno não deixa de apresentar características que possibilitam ao indivíduo se ajustar aos ditames do princípio da realidade, isto é, o narcisismo apresenta-se como algo universal e necessário para a sobrevivência, e todos os mecanismos de defesa têm uma marca narcisista. Para o autor, é a identificação que se contrapõe ao narcisismo, na medida em que possibilita o relacionamento entre os membros do grupo. Se a experiência é imprescindível para a constituição do ego-realidade, o sofrimento ocasionado pela realidade externa auxilia o retorno ao narcisismo. O narcisismo está presente tanto nas manifestações da pulsão de vida quando nas das pulsões de morte; com isso, como se pode dizer de

amor narcisista, quem sabe se pudesse dizer de ódio narcisista, nos termos do autor. O mesmo movimento que conduz à inclusão de diversos elementos em um grupo é o responsável pela exclusão dos demais. Nesse sentido, não é unicamente a gratificação imediata que pode gerar a regressão e conservar o indivíduo infantilizado, porém a carência, o sofrimento, a impossibilidade de se relacionar de modo não alienado e prazeroso com o mundo. No entanto, o indivíduo não é fundamentalmente uma mônada, tornou-se uma. Para o autor, se anteriormente a pressão social se orientava à repressão das pulsões, agora se orienta à repressão da consciência, possibilitando que as pulsões possam ser liberadas desde que em consonância com o mercado. Crochík ressalta que a pseudoformação substitui a introjeção da cultura pela necessidade de o indivíduo adquirir informações em um mundo caracterizado pelas constantes metamorfoses – as informações, que anteriormente eram consideradas importantes para o ajustamento, são ligeiramente substituídas por outras. Com isso, a satisfação de desejos deve se converter na necessidade da satisfação permanente. Todavia, a satisfação possibilitada somente pode acontecer com a separação entre indivíduo e cultura: o ego esvazia-se e a compulsão na busca de objetos que possam abrandar esse esvaziamento torna-se contínua.

Não é de se admirar que no ensaio **“Notas sobre a dicotomia corpo-  
-psique”**, de 2005, Crochík retoma o que disse Adorno (1991b): a sociedade, a cada instante, conduz os indivíduos às regressões psíquicas de que necessita. E, assim, a coação para que todos desenvolvam ao máximo suas potencialidades para o desempenho entremostra que a dominação do corpo e da psique apresenta-se nas relações entre os indivíduos e, também, como autodomação. As pulsões, como representantes das necessidades somáticas, são psique e corpo e, se na contemporaneidade são consideradas de forma separada, é porque os desejos que essas pulsões intentam satisfazer são negados; isso porque não somente os produtos para satisfazer os desejos são arremedos, porém os próprios desejos não podem ser elaborados. Se a formação do indivíduo guarda correspondência com a incorporação da cultura, definida como a produção de costumes, rituais, pensamentos e regras, a sociedade medeia todas as relações. A sociedade refere-se às relações objetivas que os indivíduos criaram de modo coletivo para dar conta de suas necessidades. Se o esclarecimento regride ao mito, no entendimento do autor, é porque se transformou em fim em si mesmo e não mais meio para compor uma sociedade racional. No entanto, se o esclai-

recimento é dialético, deve desencantar até o fim, porém sem perder o encanto da vida. Ademais, não é o desejo da dominação que deve ser essencialmente combatido, porém a própria dominação social que o provoca e possibilita seu desenvolvimento e conservação. Nessa esteira, o enfraquecimento do ego decorre da perda da relativa autonomia das organizações, que com o processo de racionalização social passaram a ter a mesma racionalidade da sociedade.

A proposta deste livro é que das análises dos frankfurtianos possa se pensar acerca da interface da teoria crítica da sociedade com a psicologia. Não se valendo do imperialismo da psicologia e reconhecendo a importância de outras disciplinas para iluminar seu objeto de estudo, o autor, ao se empenhar em compreender o que gera a aparência, por intermédio da negação determinada das ideologias presentes, desvela o status quo que tem ascendência sobre a regressão psíquica do indivíduo.

São grandes as contribuições resultantes dos ensaios que compõem esta obra, e os conteúdos aprofundados representam especial interesse para acadêmicos e pesquisadores de diferentes áreas. Pela amizade compartilhada, não posso deixar de expressar todo o meu contentamento em ter sido convidada a realizar a resenha deste livro tão bem elaborado e escrito com seriedade. Tem como diferencial o fato de o autor utilizar o conhecimento, a reflexão e a experiência como forma de resistência, como necessidade objetiva, como análise da profundidade. Assim sendo, a ciência da psicologia entremostra sua finalidade política ao se defrontar com uma demanda de práxis que contradiz o que deveria ser compreendido e superado: sofrimento é objetividade que recai sobre o indivíduo, pois aquilo que ele experimenta como expressão de sua subjetividade é mediado objetivamente.

Recebido em 10/02/2012

Aprovado em 22/03/2012